

PSICOLOGIA EDUCACIONAL E ARTE LITERÁRIA: INTERLOCUÇÕES PARA A COMPREENSÃO DOS LAÇOS FAMILIARES E ESCOLARES NA ATUALIDADE

SILVA, Graziela Lucchesi Rosa da – CESUMAR – grazielaluc@hotmail.com
GT: Psicologia da Educação / nº 20

O presente trabalho procede de pesquisas bibliográficas concluídas e em desenvolvimento, numa perspectiva histórico-cultural, e objetiva estabelecer interlocuções entre a Psicologia Educacional e a arte literária visando subsidiar os enfrentamentos de educadores e psicólogos no tocante à relação família e escola na atualidade. Para tanto, pretende-se superar a concepção da família atual que não atende como poderia as demandas dos estabelecimentos de ensino, e que não acompanha como deveria a vida escolar dos filhos em função sua própria desestruturação e desorganização. Almeja-se, abordar a instituição familiar e os papéis sociais que compreende, principalmente aos referentes ao acompanhamento da vida escolar dos filhos, enquanto datados e, portanto, históricos.

Essa discussão é relevante a medida que é cada vez mais comum depoimentos de professores e famílias acerca das dificuldades de seus alunos/filhos e das dúvidas sobre a forma “ideal” que devem educá-los e limitá-los. Entretanto, diferem quando buscam pelas soluções dos problemas reais, estabelecendo um jogo de transferência das responsabilidades da causa dessa situação angustiante.

Assim, é comum a escola solicitar a presença da família para cooperar com a educação e para participar, com mais afinco, da vida escolar do aluno e, em contrapartida, os pais pedem para que os docentes e funcionários dêem “jeito” em seu filho, pois não sabem mais o que fazer.

Frente a esta dinâmica instalada, o discurso de responsabilizar e/ou culpabilizar o aluno e a família vêm ganhando notoriedade no meio educacional para esclarecer dificuldades e comportamentos que se manifestam de forma extensiva e que perturbam a sociedade em geral.

Nesta empreitada, o psicólogo educacional é requisitado a explicar os comportamentos dos alunos, pais e professores no ambiente escolar e a diagnosticar as queixas escolares, resultando, geralmente, em proposições de alternativas aligeiradas e efêmeras. Isso porque a Psicologia, comumente, quando discute e analisa as ações humanas, favorece um conhecimento que se limita às histórias de vida particulares, procurando nos indivíduos as razões por suas dificuldades.

Alguns autores como Machado (2000), Meira (2000, 2003), Souza (2000, 2004), Facci (2004), Tuleski (2002, 2004), Barroco (2004), entre outros, vêm tecendo críticas contundentes a estas práticas particularizadas dos problemas de escolarização, demonstrando, com muita pertinência, a visão que torna natural o que em sua origem é social.

Por este prisma, verifica-se a existência de uma prática de explicar *o que o aluno tem*, que o leva ao *seu* fracasso escolar, a partir de distúrbios de aprendizagem, problemas comportamentais e/ou transtornos emocionais, oriundos, muitas vezes, da desestruturação familiar e do não cuidado dos filhos por parte dos pais. Tais comprometimentos são *naturalizados*, descolando os alunos e a família da sociedade na qual estão inseridos e das relações sociais de produção que determinam esses fatos cada vez mais corriqueiros.

Considera-se que ir além da aparência dos fenômenos é tarefa de grande valor na atualidade, uma vez que a escola cada vez mais se defronta com o “não aprender” no interior das salas de aula e, a falta de um referencial teórico consistente, tem conduzido à prática ideológica de atribuir ao indivíduo e ao seu contexto social mais próximo a promoção e instauração dos conflitos e indisciplina.

Nesta perspectiva, para além das queixas e lamentações referentes à família, este estudo traz como premissa básica que a família se apresenta em “crise” e não exerce a contento as funções e atribuições (identificação social, reprodução, proteção, educação, socialização, entre outros) que lhes são delegadas neste momento histórico, em função da crise humana e, fundamentalmente, social que se apresenta nos dias de hoje.

Partindo dos pressupostos da Teoria Histórico-Cultural e das questões elencadas acima, entende-se que a *psicologia* pode tornar-se *educacional* quando permite aos indivíduos a compreensão dos limites tanto dos problemas quanto de seus esforços em busca de soluções, e também quando oferece subsídios para que eles possam melhor conduzir o processo de desenvolvimento das crianças pela apropriação, gradativa, de mediadores culturais e pela possibilidade de refletirem e terem consciência sobre o que são e o porque são e de superarem essa condição num *vir a ser*.

Esta dinâmica pode ser compreendida em sua totalidade quando obras de outras épocas servem de recurso para *ler* a historicidade dos homens que suplanta o subjetivismo e as histórias de vidas isoladas de um contexto mais amplo. Com o auxílio da arte literária tem-se a possibilidade, portanto, de analisar as situações sociais eminentes com um olhar crítico e que possibilita à Psicologia e à Educação tornar seus

objetivos mais eficazes para compreender o homem enquanto um ser social e da condicionalidade que os comportamentos e relações interpessoais e familiares possuem.

Por esta perspectiva, é relevante o estudo do surgimento da tão incitada “crise” familiar - importante à psicologia educacional e à escola em geral - utilizando como recurso os escritos do romancista francês Honoré Balzac (1799-1850) que representam a época em que a dissolução e degradação dos hábitos e costumes aristocráticos cedia espaço à consolidação da moderna sociedade burguesa.

Neste sentido, ao examinar, através da literatura, as mudanças nas relações sociais no século XIX, verifica-se que ocorreram modificações nas funções exercidas pela família na sociedade, no modo como ela se integra na produção e na maneira de sustentar seus membros.

Neste sentido, apreende-se que diferentes momentos históricos produzem homens com diferentes comportamentos e vínculos sociais. Conseqüentemente, constata-se que as relações estabelecidas no âmbito familiar são constituídas pela mesma premissa, ou seja, a transformação social, ocasionada pela mudança na forma dos homens produzirem a vida, provoca modificações na vida familiar. A história da família corresponde às transformações no processo de trabalho que determinam as relações que os homens mantêm entre si nas diferentes instâncias da vida.

Da importância da arte literária para a Psicologia Educacional

A literatura embora expresse criações e fantasias não abandona certos dados de realidade que são em certa medida comuns e aceitas pela sociedade. Neste sentido, as produções artísticas, mesmo não sendo cópias fiéis da realidade, possuem grande possibilidade de apresentar *enredos* e *conteúdos* semelhantes aos que acontecem aos cidadãos comuns.

À primeira vista, a literatura por tratar de personagens fictícios parece ser independente, isolada e distante da realidade. Entretanto, o pensamento do autor é construído historicamente e, em função disto, independente de seu desejo, sua produção expõe questões essenciais do momento social em que vive, revelando uma forte tendência a expor as lutas, derrotas e vitórias no processo de vida ou de transformação social.

Vigotski, no livro *Psicologia da Arte*¹ (1999), investigou a obra literária (fábula, conto/novela e tragédia), pelo método de análise fundamentado no materialismo histórico. Nesta perspectiva, Vigotski ressaltou a possibilidade de pensar acerca das produções humanas enquanto resultados de fatores socioculturais e que se sobrepõe aos desejos e ao mundo inconsciente de apenas um indivíduo (autor ou espectador).

Para ele, se a análise de uma obra se fundamentasse somente na posição imediata dos indivíduos que a produziram ou naqueles que a apreciam, ocorreria uma imparcialidade e reducionismo, porque não seriam levadas em consideração as relações econômicas e sociais e a estrutura das forças produtivas que a determinaram, perdendo-se o significado histórico da arte criadora.

Para Vigotski, “a arte nunca poderá ser explicada até o fim a partir de um pequeno círculo da vida individual, mas requer forçosamente a explicação de um grande ciclo da vida social”. (1999, p.99).

As manifestações e produções humanas não devem ser atribuídas apenas às histórias de vida, tomadas como pessoais e isoladas de um contexto mais amplo. As obras artísticas são formas de expressar a vida e estão intrinsecamente relacionadas ao meio social e ao estado de forças produtivas, pois “[...] a arte, no mais aproximado sentido, é determinada e condicionada pelo psiquismo do homem social.” (VIGOTSKI, 1999, p.11).

Vigotski (1999) demonstrou que a psicologia encontra nas obras de arte um recurso privilegiado de estudar e analisar a forma pela qual as contradições da vida material, de uma época histórica, determina os comportamentos, os costumes, o modo de relação estabelecido entre os pares e a estrutura psíquica do indivíduo.

Por este prisma, a literatura torna possível entender a dinâmica social, detalhando seus costumes, hábitos, comportamentos, sofrimentos, alegrias e paixões, através de homens concretos em situações particulares. No fenômeno individual manifestam-se claramente e concretamente as grandes forças históricas e as contradições da sociedade.

A literatura, enquanto produção humana é, portanto, uma alternativa para que o antigo, o passado, seja resgatado no presente para compreensão da análise fragmentada e reducionista da relação família e escola. Por essa perspectiva, os escritos de Balzac, *Memória de duas jovens esposas*, *O Baile de Sceaux*, *O Pai Goriot*, são fontes para

¹ Em 1925, Vigotski escreveu o livro *Psicologia da Arte* que foi publicado na Rússia em 1965.

analisar as mudanças nos tipos de relacionamentos familiares e ter parâmetros para a compreensão do conteúdo dessa família apresentado na atualidade.

Dos estudos da sociedade e da dinâmica familiar: o campo fecundo da representação literária

Sob o crivo da Teoria Histórico-Cultural, compreende-se que os comportamentos e relacionamentos têm relação direta e imediata com a produção da existência e que através da literatura podemos visualizar a ilustração desse processo.

A escolha dos escritos do dramaturgo francês Honoré de Balzac, autor da obra *A Comédia Humana*, composta de mais de 90 romances e novelas, se faz em função desta ampla produção literária representar uma das mais significativas expressões da realidade social do século XIX². Segundo Marx e Engels (1974), a obra balzaquiana é uma fonte preciosa para estudos da sociedade oitocentista, uma vez que forneceu

[...] a história mais maravilhosamente realista da sociedade francesa (especialmente do mundo parisiense), descrevendo, em forma de crônica de costumes, quase de ano a ano, entre 1816 e 1848, a pressão cada vez mais forte exercida pela burguesia ascendente sobre a nobreza que se tinha reconstituído depois de 1815 e que (melhor ou pior), na medida do possível, levantava a bandeira da *velha fidalguia francesa*. (MARX & ENGELS, 1974, p. 196-197)

Na descrição da realidade, Balzac expôs diferentes e variadas figuras sociais que permitem refletir sobre os hábitos, comportamentos e costumes adquiridos pelos homens neste momento transitório. Conseqüentemente, discutiu temáticas que abordaram questões referentes à família, à educação, aos impasses sociais e à afetividade que permeavam os vínculos sociais.

É importante marcar que este autor, ao representar a realidade da sociedade francesa das primeiras décadas do século XIX, expressou com riqueza de detalhes, um cenário conturbado por golpes, revoluções e movimentos populares justamente por ser um período que coroou a ascensão do capitalismo, mas onde ainda existiam remanescentes da sociedade anterior.

² Outros autores importantes desta fase são os franceses **Stendhal** (1783-1842), que escreve *O Vermelho e o Negro*, e **Prosper Merimée** (1803-1870), autor de *Carmen*; além do russo **Nikolay Gogol** (1809-1852), autor de *Almas Mortas*.

Neste processo, Balzac apresentou os antagonismos da sociedade e expressou, em suas obras, situações que espelhavam o movimento da transformação social que levou à produção de novos indivíduos e, conseqüentemente, de novas relações sociais e familiares. Isso é bem evidente na obra *Memória de duas jovens esposas*.

Nela, constata-se, através da fala do pai de Luísa de Chaulieu, um nobre e um homem de Estado, a perda da autoridade perante os filhos,

A França, minha filha, está numa situação precária... (...) Sabes, minha filha, quais são os efeitos mais destruidores da Revolução? Jamais os suspeitarias. Ao cortar a cabeça de Luís XVI, a Revolução cortou a cabeça de todos os chefes de família, **há somente indivíduos**. Ao querer tornar-se uma nação, os franceses renunciaram a ser império. Ao proclamar a **igualdade de direitos à sucessão paterna, mataram o espírito de família, criaram o fisco**. Prepararam, pois, a fraqueza das superioridades e a força cega da massa, a extinção das artes, **o reinado do interesse pessoal e abriram caminho à conquista**. Achamo-nos entre dois caminhos: **ou constituir o Estado pela família, ou constituí-lo pelo interesse pessoal** [...] (BALZAC, 1989, p. 237-238, grifos nossos)

Na voz desse pai, é revelado um momento contraditório e de luta, que foi gestado em período anterior e que ganhou forma e conteúdo com o ideário libertário da Revolução Francesa. A distribuição hereditária dos bens de forma igualitária entre todos os filhos e a deterioração do pátrio poder atestam que todos são iguais e têm os mesmos direitos. Estes são aspectos inerentes à organização social burguesa e levam os homens a se tornarem iguais em direitos e mais vulneráveis pelo fracionamento da propriedade, cabendo a cada qual defender a sua parte nos bens.

Balzac pôs à mostra a angústia de representantes aristocráticos que vivenciam a dissolução de costumes que lhes eram comuns e refletem o conflito entre a nova estrutura e os interesses estabelecidos no velho regime com a solidificação da sociedade burguesa. Esse processo antagônico remete a *um novo conceito de homem, uma nova forma de propriedade e de trabalho* quando a igualdade de direitos e a liberdade dos indivíduos formam as novas leis da sociedade democrática.

Outro romance balzaquiano importante para se visualizar os embates históricos que acompanharam as transformações sociais é *O Baile de Sceaux*. O narrador refere-se à figura do conde de Fontaine, representante da aristocracia francesa que deparou-se com o fruto dos novos tempos. Neste sentido, Balzac atestou, neste romance, que a tendência à igualização social arrastou aqueles que, como o conde, jamais teriam

consentido, outrora, no casamento de seus filhos com pessoas de classes sociais distintas da sua.

[...] a estada em Paris, a necessidade de representação, o esplendor da casa que compensava as privações tão corajosamente sofridas por eles no fundo da Vendéia, as despesas feitas com os filhos, absorviam a maior parte de suas rendas orçamentárias. Deviam pois agarrar como **um favor vindo do céu, a oportunidade que lhes apresentava de casar tão ricamente as filhas. [...] Casamentos tão vantajosos não se encontravam todos os dias para as moças sem dote.**” (BALZAC, 1989, p. 144, grifos nossos)

Balzac expressou em suas obras que a destruição de uma forma social vem acompanhada da destruição de suas instituições. O movimento da transformação leva à produção de relações sociais e familiares cuja organização e dinamismo condizem com as novas necessidades da sociedade capitalista.

Representou, ainda, as profundas mudanças da tessitura social, figurando condizentes acontecimentos e situações na vida familiar. Ele descreveu como no interior dos lares os escombros da sociedade anterior e a nova dinâmica do relacionamento entre os indivíduos criam, dolorosamente, uma nova forma de família.

Um exemplo é *O Pai Goriot*, que mais do que uma ficção ou romance, é um drama, pela veracidade com que o autor representou a ambição, a necessidade de ostentação da riqueza, a busca desenfreada de lucratividade e a defesa de interesses individuais, princípios característicos da sociedade burguesa, que são o eixo norteador dos laços nessa família. O romancista alertou que “*All is true*”³: *ele é tão verídico que qualquer um pode reconhecer em si mesmo e, talvez, em seu próprio coração, os elementos que o compõem.*” (BALZAC, 1989, p. 24)

Observa-se, na relação entre esse pai e as filhas, que o cálculo, aspecto inerente à sociedade burguesa, está se tornando o elemento estruturador das relações interpessoais e, conseqüentemente, das familiares. O dinheiro passa a regular, cada vez mais, a vida e as relações humanas.

Nesta obra, a corrosão dos laços familiares se expressa na relação destrutiva que as filhas, Delfina e Nastácia, estabelecem com o pai. O amor paterno e abnegado pelas filhas leva Goriot a se desfazer da fortuna conquistada ao longo de uma vida de trabalho na fabricação e no comércio de talharim. Ele a despende lentamente para satisfazer aos

³ Segundo nota de rodapé que consta no romance: “*All is true*: ‘tudo é verdade’ (em inglês no original). Nas edições anteriores a 1839, esta frase servia de epígrafe ao romance.” (BALZAC, 1989, 24)

caprichos e aos desejos de luxo das filhas, que, após consumirem todos os seus bens e arruína-lo, deixando-o em situação miserável, não o ajudam nem no momento de sua morte.

Este pai sucumbe na forma burguesa para que as filhas, assumindo os costumes da nobreza, permanecessem e brilhassem na alta roda social. Neste caso, ao invés das filhas servirem ao pátrio poder, a relação apresenta-se praticamente invertida.

As novas relações estabelecidas entre os pais com seus filhos expressam a transformação social, posto que a autoridade paterna foi alterada, tornando a obediência filial mais frouxa e permitindo que o vínculo de domínio e subordinação de outrora fosse substituído por uma relação mais igualitária e menos hierárquica.

As mudanças das leis em torno da família, principalmente a da lei do morgadio, instituindo o direito de herança a todos os filhos e extinguindo o direito de primogenitura, permitiu a fragmentação da propriedade privada. A nova forma de produção fraciona o solo e fragmenta a unidade familiar, colocando cada qual à mercê de seus próprios cuidados.

Neste sentido, todos passam a competir entre si, independentemente dos laços familiares que os ligam. Esta situação pode ser observada no seguinte fragmento de *O Pai Goriot*, composto por uma discussão rancorosa e acusativa entre as filhas do pai Goriot.

– Mesmo que fosse assim – disse Delfina, corando -, como foi que te comportaste comigo? **Renegaste-me**, fizeste com que se fechassem para mim as portas de todas as casas onde eu desejava ir, enfim **nunca perdeste a menor ocasião de me prejudicar**. E acaso vim, como tu, **arrancar deste pobre pai mil francos em cima de mil francos, toda a sua fortuna, e reduzi-lo ao que hoje é?** Eis tua obra, minha irmã. Quanto a mim, visitei meu pobre pai sempre que pude, **não o pus para fora de casa** e não vim lambe-lhe as mãos quando precisei dele. Nem mesmo sabia que ele empregara esses doze mil francos por mim. E tenho como pagá-los, bem sabes! Além disso, quando papai me dá presentes, não é porque eu os tenha pedido.

– Foste mais feliz do que eu: o sr. de Marsay era rico, sabias disso. **Sempre foste vil como dinheiro, interesseira...** Adeus! **Não tenho irmã**, nem...

– Só mesmo uma irmã como tu poderia repetir uma coisa que ninguém mais acredita! **És um monstro!** – disse Delfina.

– Minhas filhas, minhas filhas! Calai-vos ou em me mato diante de vós!

– Está bem, Nastácia. Perdôo-te – disse a sra. de Nucingen, continuando –, **és uma desgraçada. Sou melhor que tu.** Vens

me dizer uma coisa dessas no momento em que eu me sentia capaz de tudo para socorrer-te, mesmo de entrar no quarto de meu marido, coisa que eu nunca faria nem por mim nem por... Isso fica a altura de **todo o mal que me fizeste nestes nove anos**. (BALZAC, 1989, p. 199-200, grifos nossos)

Balzac demonstrou que a aspiração ao poder, à fortuna e ao triunfo individual corrompe os vínculos sociais e, em particular, os familiares, criando uma *surda luta doméstica*⁴.

Balzac desvelou, por meio de significativas situações e pequenas disputas, as mútuas frustrações, insatisfações pessoais, as vaidades colocadas à mostra, as mesquinhas do cotidiano familiar, a liberdade de escolha. Os interesses pessoais restringem a família a um círculo de relações embrutecidas e distantes.

A modificação das relações entre familiares, bem como seus comportamentos e vínculos afetivos, revelam que as instituições não têm existência própria e que a destruição de um modo de organização social tem como consequência a desestruturação e esfacelamento das suas instituições, que são substituídas por outras que condizem com as necessidades sociais emergentes.

As trajetórias divergentes dos vários personagens explicitam a vivência de novos papéis e sentimentos no meio familiar. Neste sentido, Balzac assinalou novos acontecimentos, vivências e disputas na vida familiar condizentes ao movimento social.

Inúmeras passagens que retratam a condição desse novo homem, com uma nova consciência e nova forma de se relacionar com os seus pares e familiares. Retrata, fundamentalmente, um período transitório em que as formas de produção humana estão se modificando, o que leva a costumes, hábitos, comportamentos, ações diferenciadas.

À medida que o comércio se amplia e a propriedade é dividida, as relações deixam de se dar no interior da família, levando ao seu esfacelamento. A sucessão dos bens e a primogenitura, que haviam garantido a sobrevivência da nobreza durante séculos, foram destruídas pelas relações burguesas. Nas palavras de Tocqueville (1987)

Quando **não mais existem riquezas hereditárias, privilégios de classe e prerrogativas de nascimento**, e cada qual só tira a sua força de si mesmo torna-se visível que é a inteligência que faz a principal diferença entre a fortuna dos homens. [...] Nos séculos democráticos **esclarecidos e livres**, os homens nada têm que os separe ou os retenha em seu lugar; **elevam-se ou se abaixam com uma rapidez singular**. Todas as classes se vêm

⁴ Palavras usadas por Balzac em *O Baile de Sceaux* (1989), p. 145.

constantemente, porque estão demasiado próximas. Comunicam-se e se misturam todos os dias, imitam-se e se invejam; isto sugere ao povo uma infinidade de idéias, de noções, de desejos que ele nunca teria tido, se as posições tivessem sido fixas e fosse imóvel a sociedade. [...]

A partir do momento que a multidão começa a se interessar pelos trabalhos do espírito, descobre-se que um grande meio de atingir a glória, o poder ou as riquezas, é mostrar-se excelente em alguns dentre eles. A **inquieta ambição** que a **igualdade faz nascer** revela-se logo por este como por todos os lados. (TOCQUEVILLE, 1987, p. 344-345, grifos nossos)

Neste sentido, apreende-se que diferentes momentos históricos produzem homens com diferentes comportamentos e vínculos sociais. Conseqüentemente, constata-se que as relações estabelecidas no âmbito familiar são constituídas pela mesma premissa, ou seja, a transformação social, ocasionada pela mudança na forma dos homens produzirem a vida, provoca modificações na vida familiar. A história da família corresponde às transformações no processo de trabalho que determinam as relações que os homens mantêm entre si nas diferentes instâncias da vida.

Considerações finais: em busca de um final mais feliz

Através deste trabalho, acredita-se que sair do reino das aparências é premente, uma vez que a análise da realidade que toma a parte pelo todo, nos limites de sua manifestação, não tem dado conta das contradições que se avolumam com frequência nas escolas. Se há tanta queixa apontando para aquilo que a família não faz e para o que a escola reclama, é preciso entender essa temática com mais cuidado e avançar para além das lamentações, uma vez que não se trata apenas de problemas nas relações interpessoais e nos comportamentos de alunos, pais e professores. De fato, a compreensão destas relações só é possível mediante a compreensão da totalidade histórica que as movimenta e da apreensão de que fazem parte, antes de tudo, de relações sociais. (BARROCO, 2004).

Cortar as relações sociais e históricas que poderiam explicar as patologias ou dificuldades de aprendizagem, ficando preso ao indivíduo (ou a sua família), é uma premissa da ideologia neoliberal que analisa e discute os comportamentos e relações humanas de forma particularizada, não contribuindo para o entendimento do homem em sua totalidade, uma vez que delega ao indivíduo as causas de seus problemas, não

relacionando os aspectos individuais aos sociais e negando a realidade histórica que lhes é anterior.

Neste sentido, antes de *chamar a família* “desnaturalizada” para cumprir suas funções e atribuições, é necessário considerar que a família pleiteada pela escola “nunca existiu na forma saudável, serena” (BARROCO, 2004, p. 179). Fechar-se nessa concepção idealizada da família fetichizada, limita as reais possibilidades de intervenção e a proposição de alternativas de trabalho entre a escola e pais para a otimização do processo de ensino-aprendizagem.

Através da Teoria Histórico-Cultural, tem-se a possibilidade de superar essa análise reducionista e fragmentada da relação família e escola. Isso porque, essa abordagem apreende as relações humanas como produto da forma dos homens produzirem a vida e considera o psiquismo humano individual como produto das relações sociais mais amplas.

Essas proposições são postas à mostra em obras literárias, pois enquanto produções humanas, são expressões intelectuais e criativas datadas, que revelam a realidade social de forma minuciosa ao mesmo tempo em que apresenta a diversidade do comportamento humano, mediando conflitos particulares.

Através de alguns romances de Balzac, essas reflexões puderam ser aprofundadas num sentido demonstrativo, uma vez que a análise literária oitocentista permitiu acompanhar, na figuração de relações específicas, a perda da autoridade, o afrouxamento das relações, o voltar para si mesmo e o lugar que o dinheiro ocupa nas relações entre os homens.

Ao identificar a gênese das relações familiares no passado, paralelamente ao encaminhamento que tiveram, tem-se a possibilidade de compreender a constituição da organização familiar atual. Consegue-se, assim, um respaldo teórico para entender os vínculos familiares, que se apresentam confusos, desatados e contraditórios, como intimamente relacionados ao movimento social.

Ler esses fatos ou eventos dramáticos, nas produções literárias de Balzac, viabiliza a síntese das proposições educacionais e da estrutura social em ebulição deste período. Reitera-se que esta perspectiva de estudo, propicia a Psicologia superar a condição aistórica de entendimento do comportamento humano e que esta ciência tem a necessidade e a possibilidade de eleger outras fontes e recursos para compreender esse homem que somos, mas que nem sempre entendemos, posto que as anamneses e histórias de vidas, tomadas isoladamente, *relatam* os sujeitos, mas não os explicam.

A arte torna-se, portanto, uma de forma de mediação para a Psicologia educacional compreender os conteúdos das relações estabelecidas através da análise de fatos concretos que existem em uma realidade objetiva.

Esta forma de trabalho configura-se, ainda, como recurso educativo por orientar educadores, psicólogos, acadêmicos a compreender as formas pelas quais as transformações sociais e históricas manifestam-se nas relações humanas, possibilitando compreender os homens na sua forma de vida.

O estudo dos clássicos por esta perspectiva é uma opção de estudo no interior das escolas, com pais, professores e alunos, justamente por possibilitar a visão articulada da totalidade humana em um momento em que a fragmentação do saber impera. Obras clássicas, por esse modo, são fontes que viabilizam o entendimento dos fatos sociais e fornecem subsídios a respeito da diversidade humana, favorecendo a apropriação de como os homens determinam novas relações, em virtude das novas necessidades sociais que são edificadas.

Neste sentido, o recuo a uma época em que os homens vivenciavam a transição de um modo de vida para outro se revela importante, já que no período histórico atual também se vivencia uma transição, e enfrentam-se os sofrimentos que ela produz: indivíduos perdendo as referências de seus papéis sociais, flexibilização dos valores ético-morais, deposição de normas e regras de convívio social, menosprezo pelo conhecimento teórico e de propostas coletivas, desprendimento dos laços societários e familiares.

Por esta perspectiva, destaca-se que há sentido da Psicologia ter função educativa na escola quando contribui para esclarecer que mediações significativas propulsionam a aprendizagem e o desenvolvimento dos indivíduos, sejam eles pais, professores ou alunos.

Na contemporaneidade, como já salientado, tem-se a naturalização de características e comportamentos que têm raiz histórica e social. Desta forma, em um período em que a escola e a família perdem as bases para a execução de suas funções educativas, contraditoriamente, essas instituições sociais podem através do reconhecimento de seus limites e da identificação dos elementos da crise instituída, vislumbrar possibilidades de enfrentamento dos impasses e de outras formas de humanização e educação.

REFERÊNCIAS

- BALZAC, Honoré. Memória de Duas Jovens Esposas. In: *A Comédia Humana*. Tradução de Vidal de Oliveira. Vol. I. 2ª ed. São Paulo: Globo, 1989.
- BALZAC, Honoré. O Baile de Sceaux. In: *A Comédia Humana*. Tradução de Vidal de Oliveira. Vol. I. 2ª ed. São Paulo: Globo, 1989.
- BALZAC, Honoré. Pai Goriot. In: *A Comédia Humana*. Tradução de Vidal de Oliveira. Vol. IV. 2ª ed. São Paulo: Globo, 1989.
- BARROCO, Sônia Mari Shima. A família fetichizada na Ideologia Educacional da Sociedade Capitalista em crise: Uma questão para a Psicologia. IN: *Crítica ao fetichismo da individualidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. (p. 169-194)
- FACCI, Marilda Gonçalves Dias. *Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor? Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- MACHADO, Adriana Marcondes. Avaliação psicológica na educação: mudanças necessárias. In: TANAMACHI, Elenita de Rício; PROENÇA, Marilene; ROCHA, Marisa Lopes da (Orgs). *Psicologia e Educação: desafios teórico-práticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. (p.143-167)
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Sobre Literatura e Arte*. Tradução de Albano Lima. 4º ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.
- MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. Psicologia Escolar: Pensamento Crítico e Práticas Profissionais. IN: TANAMACHI, Elenita de Rício; PROENÇA, Marilene; ROCHA, Marisa Lopes da (orgs.). *Psicologia e Educação: desafios teórico-práticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. (p. 35-71)
- MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. Construindo uma concepção crítica de Psicologia Escolar: Contribuições da Pedagogia Histórico-Cultural e da Psicologia histórico-Crítica. IN: MEIRA, Marisa E. M. e ANTUNES, Mitsuko A. M. *Psicologia escolar: teorias críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. (p. 13-78)
- SOUZA, Marilene Proença Rebello de. A Queixa Escolar na Formação de Psicólogos: Desafios e Perspectivas. IN: TANAMACHI, Elenita de Rício; PROENÇA, Marilene; ROCHA, Marisa Lopes da (orgs.). *Psicologia e Educação: desafios teórico-práticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. (p. 105-142)
- SOUZA, Marilene Proença Rebello. As contribuições dos estudos etnográficos na compreensão do fracasso escolar no Brasil. In: MACHADO, Adriana Marcondes; SOUZA, Marilene Proença Rebello (Orgs). *Psicologia escolar: em busca de novos rumos*. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. (p.143-158).
- TOCQUEVILLE, Aléxis de. *A democracia na América*. Tradução de Neil Ribeiro da Silva. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1987.

TULESKI, Silvana Calvo. Reflexões sobre a gênese da Psicologia Científica. IN: *Crítica ao fetichismo da individualidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. (p. 121-144)

TULESKI, Silvana Calvo *Vygotski: A construção de uma Psicologia marxista*. Maringá, EDUEM. 2002.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.